

O uso do livro didático de geografia no ensino fundamental do colégio estadual ministro Santiago Dantas

Cleonita Pereira dos Anjos Emiliana

da Universidade Estadual de Goiás - Campus Minaçu – Goiás – Brasil
cleoanjos@outlook.com

Priscylla Karoline de Menezes

da Universidade Estadual de Goiás - Campus Minaçu – Goiás – Brasil
priscylla.menezes@ueg.br

Resumo: Neste artigo busca-se apresentar alguns resultados obtidos com a realização do trabalho de conclusão de curso de licenciatura em Geografia. Com o objetivo de analisar como o livro didático é utilizado pelo professor de geografia em suas aulas, a pesquisa pretendeu responder algumas inquietações, são elas: Como é feita a seleção dos livros didáticos no Colégio Estadual Ministro Santiago Dantas? De que forma o professor de geografia utiliza o livro didático em suas aulas? Como o professor incentiva o aluno a usar o livro didático nas aulas de Geografia? Foram utilizados como procedimento metodológico: levantamento bibliográfico sobre a temática, realização de entrevistas com professores de geografia e aplicação de questionário com alunos do Colégio Estadual Ministro Santiago Dantas, observação das aulas de geografia no Colégio e análise e dos dados para a construção do presente texto. Desse modo, é possível dizer que em relação a prática pedagógica dos professores acompanhados, estes apóiam-se muito nos livros didáticos. Os motivos que explicam essa situação, segundo as análises dos dados obtidos, estão relacionados a duas razões fundamentais: a insegurança dos professores em relação ao conteúdo e a falta de formação na área –a maioria são profissionais formados em outras áreas, que ao assumirem a disciplina acabam seguindo cegamente o livro didático a fim de esconder a falta de conhecimento específico na Geografia.

Palavras-Chave: Didática. Ensino-Aprendizagem. Geografia.

Introdução

Sabe-se que o livro didático de geografia teve grande expansão a partir do século XIX, (D' AVILA, 2008), e a partir daí os livros didáticos tornaram-se presentes na vida escolar dos alunos e professores, e para compreender qual o papel deste recurso didático atualmente no Ensino Fundamental II, no Colégio Estadual Ministro Santiago Dantas, estabelecemos como objetivo geral para esta pesquisa: analisar como o livro didático é utilizado pelo professor de geografia em suas aulas. Como objetivos específicos: verificar como é feita a seleção dos livros didáticos, de geografia, no Colégio Estadual Ministro Santiago Dantas e analisar de que forma o professor de geografia utiliza o livro didático para o desenvolvimento das aulas. Tendo em vista que este recurso didático é composto por ideias e conceitos, e é essencial que o professor

saiba usá-lo permitindo que os alunos consigam entender o conteúdo e construir conhecimento.

Um livro didático de má qualidade, quando utilizado por um professor que sabe decifrá-lo criticamente e mediar com sabedoria, é muito mais útil na sala de aula do que um bom livro didático utilizado por um professor que apenas transmite o conteúdo apresentado por ele. O professor precisa ser mediador, discutir o conteúdo apresentado pelo livro didático dando suporte aos alunos para que esses consigam transformar as ideias em novos conceitos. Este pode ser um recurso necessário ao ensino de geografia, porém é preciso a junção deste recursos com outros existentes no desenvolvimento das aulas, pois este é apenas um dos inúmeros recursos didáticos disponíveis para construção do conhecimento de acordo com Castrogiovanni (2010, p.133):

O livro didático, frente as atuais condições de trabalho do professor de geografia torna-se cada vez mais um instrumento, se não indispensável, pelo menos necessário como complemento as atividades didático-pedagógicas, devendo ser utilizado apenas como um dos recursos entre tantos disponíveis.

O livro didático está presente na vida de docentes e discentes e é um dos principais recursos didáticos utilizados no processo de ensino aprendizagem e na construção de conceitos. A importância desse material didático na escola abre várias questões, e pensando especificamente a escola escolhida para campo da pesquisa, são elas: Como é feita a seleção dos livros didáticos no Colégio Estadual Ministro Santiago Dantas? De que forma o professor de geografia utiliza o livro em suas aulas? Como o professor de geografia incentiva o aluno a utilizar o livro didático?

A fim de responder essas perguntas foram utilizados como procedimentos metodológicos: inicialmente foi feito levantamentos e análises bibliográficas de obras que discutem a temática – para complementação e reflexão no decorrer do trabalho; em seguida foram realizadas pesquisas de campo, onde foram feitas observações de aulas de geografia no Colégio Estadual Ministro Santiago Dantas, entrevistas com os docentes e aplicação de questionários com alunos do Ensino Fundamental.

Como o processo de ensino-aprendizagem, segundo Cavalcanti (2002), é um processo que implica movimento e, é papel do professor provocar situações, desencadear processos e utilizar mecanismos intelectuais requeridos pela aprendizagem, entende-se que a atribuição de significados e a compreensão desses diversos assuntos abordados, serão feitos a partir de referenciais muitas vezes fornecidos por esse profissional. Essa responsabilidade, segundo a autora, confere um desafio ao professor de refletir sobre seus objetivos de ensinar, para assim dar uma boa aula. Consequentemente, utilizar adequadamente os recursos didáticos na

produção de conhecimento. Deste modo, justifica-se esta pesquisa pela necessidade de observar a forma com que o instrumento didático está sendo usado no Colégio Ministro Santiago Dantas, pelos professores e a configuração que os alunos estão tendo a partir do uso deste material.

Um breve Histórico do Livro Didático no Brasil

O livro didático surgiu como material impresso no processo de ensino aprendizagem no século XVII, porém sua expansão só ocorreu a partir do século XIX. No Brasil até o século XIX os livros eram exportados de Portugal, com isso existia a carência deste material didático nas escolas brasileiras. A falta desse material fazia com que a escola e os docentes utilizassem cartinhas e cartilhas no lugar do livro didático em sala de aula (D'AVILA, 2008).

Com a expansão dos livros didáticos pelo Brasil no princípio do século XIX, o país iniciou a estruturação de órgãos e comissões ligadas à gestão/controle do recurso. Em 1937, foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL) com a administração voltada especialmente para o livro didático escolar. Em 1938 Organizou-se uma comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) que se ampliou e se fortaleceu em 1945, com o propósito de controlar a questão política e ideológica na distribuição do livro didático. No período do regime militar foi criada a comissão do Livro Didático (COLTED), um acordo do MEC (Ministério da Educação) com organismos americanos; em 1968 criou-se a Fundação Nacional do Material Didático (FENAME) e a COLTED foi extinta nos anos seguintes.

Em 1985 foi criado Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), segundo Spósito (2006) a partir daí os professores, inicialmente de Língua Portuguesa e Matemática, do Ensino Fundamental, podiam ter participação na avaliação e fazer indicação dos livros didáticos que eles utilizariam nos anos seguintes. Os livros “descartáveis”, que até o momento eram muito utilizados, foram eliminados.

Como o maior consumidor de livros didáticos no país é o Governo Federal, e sabendo que este entre aqueles que são avaliados através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), as editoras procuram acatar as avaliações de interesse do governo e exigências do Programa. Caso contrário, o governo não compra o livro das editoras; “sob a responsabilidade da Secretaria do Ensino Fundamental do Ministério da Educação e Cultura desde 1996” (PONTUSKA, 2010, p. 340).

O processo de avaliação dos livros didáticos de geografia inscritos no PNLD começou no ano de 1996 e nos anos de 2002 e 2005 os responsáveis pela avaliação da coleção dos livros

do Ensino Fundamental, foram algumas universidades públicas em convênio com o MEC. Na disciplina de Geografia, a coordenação responsável pela ponderação foi a Universidade Estadual Paulista (UNESP), a avaliação então era realizada por coleção; e se um dos volumes da coleção não fosse aprovado haveria a exclusão completa da obra no PNLD. Na seleção dos livros didáticos de Geografia foram estabelecidos vários critérios para avaliação; eliminação e classificação. Segundo Hespanhol (2005, p.77), um dos princípios gerais para a avaliação do livro de Geografia foi:

O material didático deve incorporar, coerentemente, as discussões e inovações na área de Geografia e estar atualizado em relação aos avanços teórico – metodológicos aceitos pela comunidade científica, atender às exigências do mundo contemporâneo, que pressupõe a articulação entre as instâncias sociais, econômicas, políticas e culturais. Um livro didático de geografia deve primeiro, preparar o aluno a atuar num mundo complexo, localizar - se nele, decodificá-lo, compreender seu sentido e significado; e, segundo, desenvolver seu espírito crítico, que implica a capacidade de problematizar a realidade, propor soluções e reconhecer sua complexidade.

O livro deve apresentar aos alunos os conteúdos de forma que consigam assimilar a ideologia proposta e problematizar o assunto, dando espaço para o surgimento de novas ideias, conceitos e compressão para atuar no mundo o qual está inserido. Se o livro inscrito no PNLD não apresentar; coerência e adequação metodológicas; conceitos e informações básicas e construção da cidadania, o livro é eliminado. Conforme Hespanhol(2005, p.78):

É necessário que haja compatibilidade entre a opção teórico – metodológica proposta e adotada, tanto no que se refere ao ensino como no que diz respeito à concepção de Geografia. É indispensável que haja coerência entre objetivos, conteúdos, atividades e exercícios, favorecendo o desenvolvimento dos processos cognitivos básicos por meio da clara exposição dos conceitos, fenômenos e acontecimentos devidamente localizados.

As informações contidas no livro devem ser corretas e atualizadas, não devendo induzir o estudante ao erro, não podendo apresentar conteúdos preconceituosos de origem, gênero, religião, etnia e etc. As representações gráficas como; mapa, tabela e quadros que aparecem para melhor compreensão dos conteúdos geográficos não devem apresentar publicidade e preconceito, como mostra Hespanhol (2005, p. 79):

Conceitos e informações básicos. São considerados erros conceituais: relações espaço – temporais que não permitam compreender a construção histórica do espaço geográfico; ideias inadequadas, lacunares ou errôneas que não permitam compreensão das dinâmicas e processos constituintes dos espaços físico e humano, as suas formas e as relações estabelecidas entre os elementos que os compõem; ideias inadequadas, lacunares, ou errôneas que não permitam a compreensão das relações entre sociedade e natureza. Indução ao erro, confusão conceitual e reducionismos

também se constituem em critérios eliminatórios. Finalmente, o livro didático não deve conter informações incorretas ou desatualizadas.

Os critérios para classificação dos livros de Geografia de acordo com Hespanhol (2005), estão relacionados à linguagem do livro, que deve estar adequada ao estágio de desenvolvimento cognitivo do público alvo e a contribuição para o desenvolvimento na área da Geografia. É preciso que o livro didático apresente conteúdos com diferentes pontos de vista, para que os alunos formem seus próprios conceitos, compreenda os conteúdos e estimule o exercício da cidadania.

A problematização é outro critério importante na classificação. Nos livros que apresentam textos e atividades é interessante que o aluno consiga problematizar estes conteúdos para o desenvolvimento do senso crítico e criatividade. Segundo Hespanhol (2005, p. 79):

[...] os conteúdos e conceitos devem ser aceitos pela comunidade científica e trabalhados para atender a diferentes perfis socioeconômicos e regionais; as fontes e autorias dos dados e das classificações utilizados devem ser corretamente. Os textos complementares devem ser de fontes científicas reconhecidas e atualizadas, para que se amplie o conhecimento de conceitos e conteúdos.

O ensino de Geografia para o nível fundamental, de acordo com Spósito(2006),tem que estar voltado para a identificação de variáveis; localização, diferenças e semelhanças, procurando compreender a sua dinâmica. Em relação ao espaço – tempo deve trabalhar com o método de construção social. As experiências que os alunos carregam devem ser levadas em consideração no processo ensino-aprendizagem mesmo sendo senso comum. Deste modo, a cada edição o PNLD busca se adequar às transformações sociais e da ciência em questão, o que resulta em um avanço técnico e pedagógico dos livros didáticos inscritos no Programa pelas editoras.

O Livro didático de Geografia na construção do conhecimento

O livro didático de Geografia é um dos recursos didáticos mais usados no ensino geográfico na educação brasileira, por isso é preciso que o professor tome alguns cuidados para não cair em certas armadilhas e não se submeter à ditadura do conteúdo pronto e acabado. Silva (1998, p.76) afirma que:

O livro didático no processo ensino- aprendizagem deve exercer uma dupla função: a de informar e formar o homem diante de sua realidade social. Este deve se constituir num apoio em sala de aula, pois dependendo da maneira como o livro for organizado e utilizado, poderá se transformar, ora em fator de criatividade, ora em controle da ação pedagógica do professor do aprendizado do aluno.

Para que os educandos não sejam prejudicados na construção do conhecimento no desenvolvimento das aulas de acordo com Castrogiovanni (2010), é de suma importância que o livro permita ao professor e ao aluno desenvolver sua criatividade, portanto não deve apresentar textos e exercícios que contenham ideias prontas, fechadas ou limitadas. Segundo o autor, o professor não pode ser dependente do modelo pronto, apenas buscando e reproduzindo o que está apresentado no livro didático, pois com isso ele acaba ocultando os conflitos e as problemáticas da sociedade na qual o estudante está inserido. O docente tem que levar em consideração as informações trazidas pelos alunos, pois no processo ensino-aprendizagem há a necessidade de influência mútua entre os sujeitos (aluno e professor).

Como destacado por Callai (2013), nos livros didáticos estão disponíveis vários dados, o desafio maior para os professores é transformar esses dados e informações em conhecimento, ou seja, é essencial a problematização e a contextualização do conteúdo a ser trabalhado. Corroborando as informações trazidas por Callai, Silva (2014, p.11) afirmou que:

Ensina-se Geografia para que os alunos possam construir e desenvolver uma compreensão do espaço e do tempo, fazer uma leitura coerente do mundo e dos intercâmbios que o sustentam, apropriando-se de conhecimentos específicos e usando-os como verdadeira ferramenta para seu crescimento pessoal e para suas relações com os outros.

O professor é uma peça importante no processo de ensino-aprendizagem e na construção do conhecimento geográfico, pois, independente de qualquer livro, ele deve ajudar seus alunos a decifrar e problematizar os conteúdos apresentados, de forma que os estudantes não se tornem reféns e submissos as ideias dos livros didáticos. Como aponta Callai (2013, p.51), “[...] no ensino e aprendizagem de Geografia é importante que o professor tenha o controle do processo do ensino que está fazendo, pois cabe a ele dar a direção, uma vez que é sua função no ensinar”. Sendo assim, o docente precisa ter uma leitura mais ampla e crítica do livro didático, pois, dentro da sala de aula ele é o responsável pela mediação do conhecimento.

O livro de didático de Geografia tem que apresentar conteúdos e conceitos geográficos que ajudem tanto o professor quanto o aluno na construção do conhecimento e na construção de novos conceitos. Segundo Silva (2014, p.10):

[...] um livro didático de Geografia, além de apresentar informações e conceitos geográficos, deve, sobretudo, auxiliar tanto os docentes quanto os discentes na formulação de um raciocínio crítico, fundamentado em bases do conhecimento científico a fim de que esse recurso possa contribuir para estimular a criatividade dos envolvidos para que os mesmos possam entender e agir no mundo em que vivem de forma que haja um respeito mútuo tanto para com os seres humanos, quanto para com os recursos naturais.

Assim, é necessário que o professor se posicione como mediador no processo ensino-aprendizagem e assuma uma postura crítica, para que não necessite se submeter a um modelo de ensino mecanizado e apoiado unicamente no livro didático para desenvolver suas aulas. O livro didático de Geografia para o Ensino Fundamental, de acordo Hespanhol (2005, p.77) deve ser:

[...] deve primeiro, preparar o aluno para atuar num mundo complexo, localizar-se nele, decodificá-lo, compreender seu sentido e significado; e em segundo, desenvolver seu espírito crítico, que implica a capacidade de problematizar a realidade, propor soluções e reconhecer sua complexidade.

Nesse sentido, o livro didático de Geografia do Ensino Fundamental precisa proporcionar tanto aos alunos quanto ao professor oportunidades para construção de conhecimentos cartográficos, ambientais, sociais, econômicos, políticos e culturais. O ensino mecanizado apenas fazendo leituras dos textos sem discussão, não permite que o aluno assimile o conteúdo de forma crítica; não produz mudança alguma e nem surgem novos conceitos, pois os mesmos apenas memorizam o que o professor transmitiu em sala de aula. “Uma atividade mecânica de ensino, levada a cabo na sala de aula, conduz, à reprodução de conteúdos preestabelecidos, não à aprendizagem; conduz à memorização receptiva de informações isoladas”. (D’ÁVILA, 2008, p.125).

O conteúdo apresentado de forma fechada (apenas transmitido) aos alunos acaba levando os educandos ao conformismo ou submissão à ideia do autor do livro, pois as relações estabelecidas por esse recurso didático podem ser propositalmente equivocadas (ilusórias, incorretas e ideológicas), por isso a necessidade da ação crítica do docente. É indispensável uma leitura crítica deste recurso didático pelo professor e inovações na didática em sala de aula para que ele não conduza seus educandos à informações isoladas e prontas e tampouco os direcione a um doutrinamento. A leitura crítica propicia condições para a modificação do conteúdo exposto aos alunos, como aponta Pina (2009, p.46):

Inovações metodológicas incorporadas ao ensino de Geografia como debates em sala de aula, aulas de campo, estudos do meio, seminários temáticos, assim como também os recursos tecnológicos que chegam à escola do século XXI e tendem a auxiliar consideravelmente o trabalho do professor dentro e fora da sala de aula, facilitando a aprendizagem dos estudantes, contribuem para a possibilidade de não ver e ter o livro didático de Geografia como único recurso didático em sala de aula.

Quando se fala em leituras e aulas críticas não significa colocar defeito em tudo, a crítica em que se aborda no trabalho está relacionada ao professor se posicionar de forma independente frente aos conteúdos que lhe são apresentados no livro didático. Para que esse profissional consiga se apresentar adequadamente durante o processo ensino-aprendizagem e no desenvolvimento conceitual dos estudantes. Pois mediar no âmbito escolar não significa,

apenas, ministrar uma aula sem intervenção e sem transformação de conceitos e ideias. Para que a mediação didática seja transformadora existem inúmeros recursos didáticos que podem auxiliar o professor na mediação entre conceitos e alunos.

A mediação didática tem como objetivo tornar viável a construção de novos conhecimentos pelos alunos, e o professor deverá ser capaz de discutir os conteúdos de forma que os estudantes possam compreender e ir além, desenvolvendo o senso crítico. Produzir conceitos sem se prender ao livro didático. Como mostra D'Ávila (2008, p.45):

Se a mediação didática objetiva viabilizar a apropriação e construção de novos conhecimentos, incidindo, assim, no processo de objetivação cognitiva dos educandos, que precisam querer aprender; e se esse processo brota do desejo, é o professor (e não o manual escolar, pois esse estabelece uma mediação de natureza estática) o sujeito capaz de produzir uma relação de encantamento entre sujeito e objeto de conhecimento.

Sabe-se que o livro didático é apenas um dos inúmeros recursos didáticos desenvolvidos para auxiliar as aulas de geografia. E por si só, não tem a capacidade de garantir um aprendizado efetivo e significativo aos alunos, haja vista que isso também dependerá da forma escolhida pelo docente ao mediar as informações no momento que utilizar o material didático. Ao se posicionar como mediador no processo ensino-aprendizagem e assumir uma postura crítica e não submissa ao livro didático, contribuirá para a construção do conhecimento, como afirmou D'Ávila (2008, p.126), “uma vez que o professor entende o que significa este recurso de ensino (o livro didático), coloca-o em posição secundária, fazendo um uso primeiramente crítico, para então, criar situações didáticas criativas na sala de aula, com ou sem ele”.

A prática docente no desenvolvimento de suas aulas e a inclusão de novos meios didáticos em sala de aula fará uma Geografia escolar crítica, que resultará na formação de indivíduos plenos e pensantes, e isso ocorrerá de forma contínua, um ciclo que poderá se modificar com o passar do tempo com surgimentos de novas ideias/conceitos. O uso excessivo e exclusivo do livro didático de forma transmissiva de conteúdos em sala de aula acaba se tornando uma grande ameaça ao processo ensino-aprendizagem e no desenvolvimento das aulas do próprio docente. Considerando que o mesmo exerce um papel importante no processo de ensino e no desenvolvimento crítico dos estudantes. Segundo D'Ávila (2008, p.168), “a utilização massiva do manual, enquanto recurso fundamental nas atividades de planejamento e implementação do processo ensino-aprendizagem, representa uma séria ameaça a autoria do professor no desempenho de seu trabalho e de seu papel”.

O professor deve e tem que usar o livro didático de geografia, porém de forma auxiliar e crítica, não sendo o seu único e supremo material na didática escolar. Para Vesentini (1989), o uso do livro didático não deve ser definidor das aulas do professor, mas sim um instrumento

que o auxilia no processo ensino-aprendizagem com o propósito de inserir criticamente o seu aluno no mundo. É de suma importância que o livro seja usado como suporte para o docente permitindo a ele e aos alunos desenvolverem sua criatividade. É necessário que o professor, mostre as ideias do autor, de forma que o aluno assimile o conteúdo e consiga problematizar o assunto, dando espaço para o surgimento de novas ideias e novos conhecimentos dentro da sala de aula.

O Livro Didático de Geografia no Ensino Fundamental do Colégio Estadual Ministro Santiago Dantas

Dos recursos didáticos utilizados nas aulas de geografia são poucos os que despertam tantas polêmicas como o livro didático. Por apresenta algumas peculiaridades, é um recurso que precisa ser analisado, antes da preparação e desenvolvimento das aulas. O planejamento é essencial para que o professor questione as ambiguidades e as possíveis dificuldades que o livro didático pode gerar entre os estudantes. É importante que o docente entenda que planejar não significa apenas organizar suas práticas e ações, mas também modificar ações e realidades existentes, a fim, de estabelecer uma nova ideia e uma nova relação entre sujeito e o objeto. Ao unir pesquisa e reflexão sobre o material didático usado no desenvolvimento de suas aulas e no processo ensino-aprendizagem, o professor terá condições de descobrir a melhor forma de diálogo entre livro didático e alunos (D'ÁVILA, 2008).

O livro didático de geografia adotado pelo Colégio Estadual Ministro Santiago Dantas, é da coleção Mundo da Geografia de Igor Moreira, disponíveis 2014-2016. Obras que preocupam-se com a proposta de atividades que buscam o trabalho coletivo e a aproximação com a realidade local. Com a abordagem de diferentes temas sociais, culturais e ambientais, os livros buscam auxiliar a discussão de diferentes conceitos geográficos, como: Paisagem, Região, Lugar e Território e estabelecer relações entre esses conceitos e a sociedade na qual professor e aluno estão inseridos.

Com o propósito de entender a relação existente entre o ensino de Geografia e o uso do livro didático em sala de aula, foram aplicados os questionários com todos os professores responsáveis pela disciplina de Geografia no Colégio. Sendo no total de cinco profissionais, um formado em pedagogia, dois em História e somente dois em Geografia. Sendo assim apenas 40% dos profissionais responsáveis pela disciplina de Geografia que são formados na área, ou seja, menos da metade dos professores que lecionam na sala de aula. Sendo assim, nas entrevistas com os professores de geografia que neste estudo receberam nomes fictícios, inicialmente procurou-se saber como era feita a análise e seleção dos livros didáticos de

Geografia adotados pelos docentes no Colégio Ministro Santiago Dantas. Questionamento que obteve como resposta, que:

Durante o ano as editoras mandam os livros que elas tem, várias editoras tem interesse de negociar com o governo e os livros que tem são todos cinco estrelas, ou são três não sei, mas são os melhores, são livros que são escolhidos em escolas particular também de excelente autores. Durante o ano esse livro vem endereçado ao professor, tanto vai pra casa deles, como vem pra escola também, então a gente fica tendo acesso a esses livros num período grande, pra a gente ir dando uma olhada, se quiser trabalhar com eles pode como material suplementar e vai... Quando chega o 3º bimestre é marcado o dia da escolha do livro pela unidade escolar, os professores de cada disciplina, suponha que eles já folheamos livros e conhecem esses livros, principalmente os autores, então há uma reunião por disciplina e eles escolhem dois, para o caso de não ter condição de mandar o número 1 vem o número 2. Mas escolhem todos os dois excelentes autores e que bate com o planejamento anual o máximo, porque não adianta você ter um livro que não tem os conteúdos que você vai trabalhar, nem todos os livros batem totalmente, mas a gente procura aquele que mais se aproxima que tem os assuntos que vai facilitar a sua vida. (Professor 1, 2016).

É uma fala que permite afirmar que a seleção dos livros didáticos de Geografia é feita pelos professores responsáveis pela disciplina. Mesmo os professores que não são formados na área participam da seleção do livro de Geografia. De acordo com a professora um dos critérios levados em consideração no momento da escolha do livro é a quantidade de estrelas que o recurso tem o autor da obra e os conteúdos que se assemelham com o planejamento anual do Colégio. Há ainda a escolha do livro didático de Geografia, pela indicação de professores que por um acaso já tenham utilizado o livro de certo autor que está na lista de obras apresentadas pelas editoras e também pelo processo de “folhear” as obras encaminhadas pelas editoras ao colégio.

Com relação ao uso do livro didático em sala de aula e sua associação com outros recursos didáticos disponibilizados pelo Colégio, como Mapas, Globos, Recursos Audiovisuais, entre outros, todos os professores afirmaram trabalhar com os diferentes recursos de maneira associada. Contudo, ao compararmos com as respostas dadas pelos docentes com a dada pelos discentes, não foi possível confirmar essa prática como algo contínuo. De cada dez alunos que responderam o questionário, sete responderam que o livro didático é o único recurso utilizado pelo professor de geografia, que em alguns momentos copia o texto do livro no quadro negro.

Ao serem questionados sobre a forma que utilizam o livro didático em sala de aula, os professores afirmaram utilizá-lo nas explicações dos conteúdos, indicação para as pesquisas e realização de atividades propostas aos alunos. Enfatizando que no planejamento das aulas de geografia, este “não é suficiente como única fonte de informação” (Professor 3, 2016) por isso há a necessidade buscar complementação. O que nem sempre fica visível nas aulas de geografia, onde o professor muitas vezes apóia-se na leitura do texto trazido pelo livro didático, somente.

E mesmo tendo como suporte o livro didático, nas aulas é perceptível uma insegurança e a não construção do conhecimento pelos alunos, que quando questionados sobre conteúdos da geografia (exemplo questões demográficas e da cartografia), não souberam responder. Também não souberam responder o que eles compreendem como Geografia e sua relação com o seu dia a dia.

São observações que permitiram perceber que apesar dos professores compreenderem a importância de não ficarem presos ao livro didático, devido a deficiências em sua formação, ou mesmo a falta de formação em geografia, não conseguem transpor aquilo que é trazido pelo livro. Desse modo, acabam não motivando os alunos a utilizar o livro didático fora de sala de aula, porque estão cansados de utilizá-lo em sala de aula como fonte única de discussão. Como disse um dos estudantes em seu questionário “em uma aula copiamos o texto do livro para o caderno e na outra aula copiamos as perguntas”, por isso não se sentem motivados a ler os textos trazidos e discutir para além da sala de aula.

Considerações Finais

Diante das revoluções metodológicas vistas na atualidade, o livro didático continua sendo o recurso didático escolar mais utilizado nas aulas de Geografia. É um recurso didático disponível na escola para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, e que o professor de geografia na maioria das vezes utiliza o livro didático como o único e exclusivo recurso no desenvolvimento das aulas, reduzindo assim os conteúdos de geografia àquilo que está apresentado nos livros, sem considerar os conhecimentos trazidos pelos alunos.

O livro didático de Geografia é visto pelos alunos como o único e absoluto em relação aos conteúdos apresentados nele, devido a forma que o professor o utiliza em sala de aula. Quando os alunos apenas copiam o que está no livro para o caderno sem debate ou explicação por parte do professor. O que causa desmotivação entre os alunos para o uso deste recurso (livro didático), vendo-o como um simples material para copiar o conteúdo ou a atividades.

Pode-se dizer, em relação a prática pedagógica investigada, que os professores até então estão muito ligados ao livro didático. Apesar de não se atentarem tanto ao processo de escolha do livro. Os motivos que explicam essa situação encontram-se, a respeito de duas razões fundamentais: a insegurança dos professores e a falta de formação na área. São profissionais formados em outras áreas, que ao assumirem a disciplina acabam seguindo cegamente o livro didático afim de cobrir uma possível falta de conhecimento específico.

Destaca-se que apesar da falta de estímulo dos professores, ocasionada por múltiplos fatores, os mesmos não podem ocultar que sua responsabilidade primordial é ir além de ensinar um conteúdo aos alunos. O profissional da educação com seu trabalho têm o dever de formar cidadãos, por isso, o trabalho docente não pode ser desenvolvido de qualquer forma.

Dos estudantes entrevistados 70% disseram não gostar das aulas de Geografia, pois, acham as aulas monótonas e sem graça. Daí a importância de discutir com os estudantes a importância da Geografia. Por isso a necessidade do professor pesquisar e utilizar outros recursos didáticos na sala de aula, não se privando apenas no conhecimento dos livros didáticos, como tem ocorrido. Utilizar o livro didático cotidianamente como o único recurso didático no desenvolvimento das aulas se mostra um grande problema, tanto para a escola quanto para educação brasileira, haja vista, que a mesma já vem sofrendo grande declínio.

Assim conclui-se que o livro didático está tão entrelaçado ao desenvolvimento das aulas de Geografia no Colégio Estadual Ministro Santiago Dantas, e que acaba se tornando um recurso único e indispensável no ensino de geografia. Decerto que o livro didático de Geografia é relevante e traz contribuições para o conhecimento dos estudantes, porém restringir o conhecimento geográfico a uma única fonte é induzir os alunos a um conhecimento limitado.

The use of the textbook of geography in the elementary school of the state college minister Santiago Dantas

Abstract: In this article we present some results obtained with the completion of the course, Degree in Geography. With the objective of analyzing how the textbook is used by the geography teacher in his classes, the research objective was to answer some concerns, which are: How is the selection of textbooks in the State College Minister Santiago Dantas? How does the Geography teacher use the textbook in his classes? How does the teacher encourage the student to use the textbook in Geography classes? Methodological procedure: bibliographic survey on the subject, interviews with Geography teachers and application of questionnaire with students of the State College Minister Santiago Dantas, observation of the Geography classes in the College and analysis and data for the construction of this text. In this way, it is possible to say that in relation to the teaching practice of the accompanying teachers, these are very supported in the books. The reason for this situation, according to the analysis of the data obtained, are related to two fundamental reasons: the insecurity of teachers in relation to the content and the lack of training in the area - the majority are professionals trained in other areas, and end up blindly following the textbook in order to hide the lack of specific knowledge in Geography.

Keywords: Didactics. Teaching and Learning. Geography.

Referências

CALLAI, H. C. *A formação do profissional da geografia: o professor*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. 168 p.

- CASTROGIOVANNI, A. C. *et al. Geografia em sala de aula: praticas e reflexões*. – 5 ed. Porto Alegre: editora da UFRGS, associação dos Geógrafos Brasileiros, 2010.
- CAVALCANTI, L. S. *Geografia e Práticas de Ensino*. Goiânia: Alternativa, 2002.
- D' AVILLA, C.M. *Decifra-me ou devorarei: o que pode o professor frente ao livro didático?* Salvador: EDUNEB; EDUFBA, 2008.
- FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <HTTP: // WWW. FNDE. Gov. BR/ programas/ livro – didático – funcionamento>. Acesso em: 10 jul 2015.
- HESPAHOL, N.A. *A avaliação oficial de livros didáticos de geografia no Brasil: o PNLD 2005 (5ª a 8ª séries)*. In: SPOSITO, M.E.B. (org). *Livros didáticos de geografia e história: avaliação e pesquisa*. São Paulo, 2006.
- PINA, P. P.G. *A relação entre o ensino e o uso do livro didático de Geografia*. João Pessoa, 2009. 104 f.
- PONTUSCHKA, N. N. ; OLIVEIRA, A. U de. *Geografia em perspectiva: ensino*. 3 ed. São Paulo: contexto,2010.
- SILVA, L. do C. *O conceito de lugar no livro didático e o processo de ensino-aprendizagem*. 2014. 146f. Trabalho de conclusão de curso (Pós-Graduação) Faculdade em Geografia, Universidade Federal de Goiás - UFG, Goiânia, 2014.
- SILVA, L. M. Livros didáticos de geografia: uma análise sobre o que é produzido para os anos iniciais do ensino fundamental. *Caminhos de Geografia* - revista online, Uberlândia, v.15, n. 52, p.173, Dezembro 2014.
- SILVA, V. P de. *Sociedade e território*. Natal, v.12, n.1,(jan./jun) 1998.
- VESENTINI, J. W. *et al.Geografia e ensino: Textos críticos* – Campinas, SP: Papirus, 1989.

Sobre as autoras

Cleonita Pereira dos Anjos Emiliana - Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, Campus Minaçu.

Priscylla Karoline de Menezes - Doutoranda do programa de pós graduação em geografia da Universidade Federal de Goiás. Professora da Universidade Estadual de Goiás, Campus Minaçu.

Recebido para avaliação em maio de 2017

Aceito para publicação em janeiro de 2018